

[TT00169]

Os Dois, ou, o inglês maquinista

Martins, Pena

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

Os Dois, ou, o inglês maquinista

Prologo

CLEMÊNCIA

MARIQUINHA, sua filha

JÚLIA, irmã de Mariquinha (10 anos)

FELÍCIO, sobrinho de Clemência

GAINER, inglês

NEGREIRO, negociante de negros novos

EUFRÁSIA

CECÍLIA, sua filha

JUCA, irmão de Cecília

JOÃO DO AMARAL, marido de Eufrásia

ALBERTO, marido de Clemência

Moços e moças

A cena se passa no Rio de Janeiro, no anos de 1842

TRAJOS PARA AS PERSONAGENS

CLEMÊNCIA: Vestido de chita rosa, lenço de sêda preto, sapatos pretos e penteado de tranças.

MARIQUINHA: Vestido branco de escôcia, de mangas justas, sapatos prêtos, penteado de bandó e uma rosa natural no cabelo.

JÚLIA: Vestido banco de mangas compridas e afogado, avental verde e os cabelos caídos em cachos pelas costas.

NEGREIRO: Calças brancas sem presilhas, um pouco curtas, colête prêto, casaca azul com botões amarelos lisos, chapéu de castor branco, guarda-sol encarnado, cabelos arrepiados e suíças pelas faces até junto dos olhos.

FELÍCIO: Calças de casimira côr de flor de alecrim, colête branco, sobrecasaca, botins envernizados, chapéu preto, luvas brancas, gravata de sêda de côr, alfinete de peito, cabelos compridos e suíças inteiras

GAINER: Calças de casimira de côr, casaca, colête, gravata preta, chapéu branco de copa baixa e abas largas, luvas brancas, cabelos louros e suíças ate o meio das faces.

Ato Único

Cena 1

O teatro representa um sala. No fundo, porta de entrada; à esquerda, duas janelas de sacadas, e à direita duas portas que dão para o interior. Todas as portas e janelas terão cortinas de cassa branca. À direita, entre as duas portas, um sofá, cadeiras, uma mesa redonda com um candeeiro francês aceso, duas jarras com flores naturais, alguns bonecos de porcelana; à esquerda, entre as janelas, mesa pequena com castiçais de mangas de vidro e jarras de flores. Cadeiras pelos valos vazios das paredes. Todos esses móveis devem ser ricos.

CLEMÊNCIA, NEGREIRO, MARIQUINHA, FELÍCIO. Ao levantar o pano, ver-se-á CLEMÊNCIA e MARIQUINHA sentadas no sofá; em uma cadeira junto destas NEGREIRO, recostado sobre a mesa, FELÍCIO, que lê o Jornal do Comércio e levanta às vezes os olhos, como observando a NEGREIRO.

CLEMÊNCIA - Muito custa viver-se no Rio de Janeiro! É tudo tão caro!

NEGREIRO - Mas o quer a senhora em suma? Os direitos são tão sobrecarregados! Veja só os gêneros de primeira necessidade. Quanto pagam? O vinho, por exemplo, cinquenta por cento!

CLEMÊNCIA - Boto as mãos na cabeça toda as vezes que recebo as contas do armazém e da loja de fazendas.

NEGREIRO - Porem as mais puxadinhas são as mais modistas, não é assim?

CLEMÊNCIA - Nisso não se fala! Na ultima vez que recebi, vieram dois vestidos que já tinha pago, um que não tinha mandado fazer, e uma quantidade tal de linhas, colchetes, cadarços e retroses, que fazia horror.

FELÍCIO - LARGANDO O JORNAL SÔBRE A MESA COM IMPACIÊNCIA - Irra, já aborrece!

CLEMÊNCIA - O que é?

FELÍCIO - Todas as vezes que pego neste jornal, a primeira coisa que vejo é: "Chapas medicinais e Ungüento Durand". Que embirração!

NEGREIRO - RINDO-SE Oh, oh, oh!

CLEMÊNCIA - Tens razão, eu mesma já fiz este reparo.

NEGREIRO - As pílulas vegetais não fazem atrás, oh, oh, oh!

CLEMÊNCIA - Por mim, se não fossem os folhetins, não lia o Jornal. O último era bem bonito; o senhor leu?

NEGREIRO - Eu? Nada. Não gasto o meu tempo com essas ninharias, que são só boas para as moças.

VOZ NA RUA - Manuê quentinho! ENTRA JÚLIA PELA DIREITA, CORRENDO.

CLEMÊNCIA - Aonde vai, aonde vai?

JÚLIA - PARANDO NO MEIO DA SALA Vou chamar o preto dos manuês.

CLEMENCIA - E pra isso precisa correr? Vá mas não caia. JÚLIA VAI PARA A JANELA E

Os Dois, ou, o inglês maquinista

CHAMA PARA RUA DANDO PSIUS

NEGREIRO - A pecurrucha gosta dos doces.

JÚLIA - DA JANELA - Sim, ai mesmo. SAI DA JANELA E VAI PARA PORTA, ONDE MOMENTOS DEPOIS CHEGA UM PRÊTO COM UM TABULEIRO DE MANUÊS, E DESCANSANDO-O NO CHÃO, VENDE-OS A JÚLIA, OS DEMAIS CONTINUAM A CONVERSAR.

FELÍCIO - Sr. Negreiro, a quem pertence o brigue Veloz Espadarte, aprisionado ontem junto a Fortaleza de Santa Cruz pelo cruzeiro inglês, por ter ao seu bordo trezentos africanos?

NEGREIRO - A um pobre diabo que está quase maluco... Mas é bem feito, para não ser tolo. Quem é que neste tempo manda entrar pela barra um navio com semelhante carga? Só um pedaço de asno. Há por ai alem uma costa tão longa e algumas autoridades tão condescendentes!...

FELÍCIO - Condescendentes porque se esquecem de seu dever!

NEGREIRO - Dever? Perdoe que lhe diga: ainda está muito moço... Ora, suponha que chega um navio carregado de africanos e deriva em uma dessas praias, que o capitão vai dar disso parte ao juiz do local. O que há-de êste fazer, se for homem cordato e de juízo? Responder do modo seguinte: Sim senhor, Sr. Capitão, pode contar com a minha proteção, contando que V.Sa. ... Não sei se me entende? Suponha agora que êste juiz é um homem esturrado, desses que não sabem aonde tem a cara e vivem no mundo por ver os outros viverem, e que ouvindo o capitão, responda-lhe com quatro pedras na mão: Não senhor, não consinto! Isso é uma infame infração da lei e o senhor insulta-me fazendo semelhante proposta! - E que depois deste aranzel de asneiras pega na pena e officie ao Govêrno. O que lhe acontece? Responda.

FELÍCIO - Acontece o ficar na conta de integro juiz e homem de bem.

NEGREIRO - Engana-se; fica na conta de pobre, que é menos que pouca coisa. E no entanto vão os negrinhos para um deposito, a fim de serem depois distribuídos por aquêles de quem mais se depende, ou que tem maiores empenhos. Calemo-nos, porem isso vai longe.

FELÍCIO - Tem razão! PASSEIA PELA SALA.

NEGREIRO - PARA CLEMÊNCIA - Daqui a alguns anos mais falará de outro modo.

CLEMÊNCIA - Deixe-o falar. A propósito, já lhe mostrei o meu meia-cara, que recebi ontem na Casa de Correção?

NEGREIRO - Pois recebeu um?

CLEMÊNCIA - Recebi, sim. Empenhei-me com minha comadre, minha comadre empenhou-se com a mulher do desembargador, a mulher do desembargador pediu ao marido, êste a um deputado, o deputado ao ministro e fui servida.

NEGREIRO - Oh, oh, chama-se isso transação! Oh, oh!

CLEMÊNCIA - Seja lá o que for; agora que tenho em casa ninguém mo arrancará. Morrendo-me algum outro escravo, digo que foi êle.

FELÍCIO - E minha tia precisava deste escravo, tendo já tantos?

CLEMÊNCIA - Tantos? Quantos mais, melhor. Ainda eu tomei um só. E os que tomam aos vinte e aos trinta? Deixa-te disso, rapaz. Venha vê-lo. Sr Negreiro. SAEM.

Cena 2

FELÍCIO E MARIQUINHA

FELÍCIO - Ouviste, prima, como pensa êste homem com quem tua mãe pretende casar-te?

MARIQUINHA - Casar-me com êle? Oh, não, morrerei antes!

FELÍCIO - No entanto é um casamento vantajoso. Êle é imensamente rico... Atropelando as leis, é verdade; mas que importa? Quando fores sua mulher...

MARIQUINHA - E é você quem me diz isto? Quem me faz essa injustiça? Assim são os homens, sempre ingratos!

FELÍCIO - Meu amor, perdoa. O temor de perder-te faz-me injusto. Bem sabes o quanto eu te adoro, mas tu és rica, e eu um pobre empregado publico; e tua mãe jamais consentirá em nosso casamento, pois supõe fazer-te feliz dando-te um marido rico.

MARIQUINHA - Meu Deus!

FELÍCIO - Tão bela e tão sensível com és, seres a esposa de um homem para quem o dinheiro é tudo! Ah, não, êle terá ainda que lutar comigo! Se supõe que a fortuna que tem adquirido com o contrabando de africanos há de tudo vencer, engana-se! A inteligência e o arдил às vezes podem mais que a riqueza.

MARIQUINHA - O que você pode fazer? Seremos sempre infelizes.

FELÍCIO - Talvez que não. Sei que a empresa é difícil. Se êle te amasse, ser-me-ia mais fácil afastá-lo de ti; porem êle ama o seu dote, e desta qualidade de gente arrancar um vintém é o mesmo que arrancar a alma do corpo... Mas não importa.

MARIQUINHA - Não vá você fazer alguma coisa com que mamãe se zangue e fique mal com você...

FELÍCIO - Não descansa. A luta há de ser longa, pois não é êste o único inimigo. As assiduidades daquêle maldito Gainer já também inquietam-me. Veremos... E se for preciso... Mas não; êles se entredestruirão; o meu plano não pode falhar.

MARIQUINHA - Veja o que faz.. Eu lhe amo, não envergonho de o dizer; porem se for preciso para a nossa união que você faça alguma ação que... HESITA.

FELÍCIO - Compreendo o que queres dizer... Tranqüiliza-te.

JÚLIA - ENTRANDO - Mana, mamãe chama.

MARIQUINHA - Já vou. Tuas palavras animaram-me.

JÚLIA - Ande, mana.

MARIQUINHA - Que impertinência! PARA FELÍCIO, À PARTE - Logo conversaremos...

FELÍCIO - Sim, e não te aflijas mais, que tudo se arranjará. SAEM MARIQUINHA E JÚLIA

Os Dois, ou, o inglês maquinista

Cena 3

FELÍCIO - Quanto eu a amo! Dois rivais! Um negociante de meia-cara e um especulador... Belo par, na verdade! Ânimo! Comecem-se hoje as hostilidades. Veremos, meus senhores, veremos! Um de vós sairá corrido desta casa pelo outro, e um só ficará para mim ? se ficar...
ENTRA MISTER GAINER

Cena 4

FELÍCIO E GAINER.

GAINER - Viva, senhor.

FELÍCIO - Oh, um seu venerador...

GAINER - Passa bem? Estima muito. Senhora Dona Clemência foi passear?

FELÍCIO - Não senhor, está lá dentro. Queria alguma coisa?

GAINER - Coisa não; vem fazer minhas cumprimentos.

FELÍCIO - Não pode tardar. À PARTE. Principie-se. PARA GAINER: Sinto muito dizer-lhe que... Mas chega minha tia. À PARTE: Em outra ocasião.

GAINER - Senhor, que sente?

Os Dois, ou, o inglês maquinista

Cena 5

Entra D. CLEMÊNCIA, MARIQUINHA, JÚLIA e NEGREIRO.

CLEMÊNCIA - entrando - Estou contente com ele. Oh, o Sr. Gainer por cá!
CUMPRIMENTAM-SE.

GAINER - Vem fazer meu visita.

CLEMÊNCIA - Muito obrigada. Há dias que não o vejo.

NEGREIRO - COM IRONIA - Sem dúvida com algum projeto?

GAINER - Sim. Estou redigindo um documento para as deputados.

NEGREIRO e CLEMÊNCIA - Oh!

FELÍCIO - Sem indiscrição: Não podemos saber...

GAINER - Pois não! Eu peça na requerimento um privilegio por trinta anos para açúcar de osso.

TODOS - Açúcar de osso!

NEGREIRO - Isso deve ser bom! Oh, oh, oh!

CLEMÊNCIA - Mas como é isso?

FELÍCIO - à parte - Velhaco!

GAINER - Eu explica e mostra... Até nesta tempo não se tem feito caso das osso, destruindo-se uma grande quantidade delas, e eu agora faz desses osso açúcar superfina...

FELÍCIO - Desta vez desacreditam-se as canas.

NEGREIRO - Continue, continue.

GAINER - Nenhuma pessoa mais planta cana quando souberam de minha método.

CLEMÊNCIA - Mas os ossos plantam-se?

GAINER - MEIO DESCONFIADO - Não senhor.

FELÍCIO - Ah, percebo! Espremem-se. GAINER FICA INDIGNADO

JÚLIA - Quem é que pode espremer osso? FELÍCIO E MARIQUINHA RIEM-SE.

Cena 6

EUFRÁSIA - NA PORTA DO FUNDO - Dá licença, comadre?

CLEMÊNCIA - Oh, comadre, pode entrar! CLEMÊNCIA E MARIQUINHA ENCAMINHAM-SE PARA A PORTA, ASSIM COMO FELÍCIO; GAINER FICA NO MEIO DA SALA. ENTRAM EUFRÁSIA, CECÍLIA, JOÃO DO AMARAL, UM MENINO DE DEZ ANOS, UMA NEGRA COM UMA CRIANÇA NO COLO E UM MOLEQUE VESTIDO DE CALÇA E JAQUETA E CHAPÉU DE OLEADO. CLEMÊNCIA, ABRAÇANDO EUFRÁSIA. Como tem passado?

EUFRÁSIA - Assim, assim.

CLEMÊNCIA - Ora esta, comadre!

JOÃO DO AMARAL - Senhora D. Clemência?

CLEMÊNCIA - Sr. João, viva! Como está?

MARIQUINHA - PARA CECÍLIA, ABRAÇANDO E DANDO BEIJO. - Há quanto tempo!

CECÍLIA - Você passa bem? TODOS CUMPRIMENTAM-SE. FELÍCIO APERTA A MÃO DE JOÃO DO AMARAL, CORTEJA AS SENHORAS. JOÃO DO AMARAL CORTEJA MARIQUINHA.

CLEMÊNCIA - Venham se assentar.

EUFRÁSIA - Nós nos demoraremos pouco.

CLEMÊNCIA - É que faltava.

MARIQUINHA - PEGANDO NA CRIANÇA. - O Lulu como está bonito! COBRE-O DE BEIJO.

CLEMÊNCIA - CHEGANDO-SE PARA VER. - Coitadinho, coitadinho! FAZENDO-LHE FESTAS: Psiu, psiu, negrinho! Como é galante.

EUFRÁSIA - Tem andado muito rabugento com a desenteria dos dentes.

MARIQUINHA - Pobrezinho. Psiu, psiu, bonito! MARIQUINHA TOMA A CRIANÇA DA NEGRA

EUFRÁSIA - Olhe que não faça alguma desfeita!

MARIQUINHA - Não faz mal. MARIQUINHA LEVA A CRIANÇA PARA JUNTO DO CANDIEIRO E, MOSTRANDO-LHE A LUZ, BRINCA COM ÊLE AD LIBITUM.

CLEMÊNCIA - Descanse um pouco, comadre. PUXA-LHE PELA SAIA PARA JUNTO DO SOFÁ

JOÃO- Não podemos ficar muito tempo.

CLEMÊNCIA - Já o senhor principia com suas impertinências. Assentem-se. CLEMÊNCIA E EUFRÁSIA ASSENTAM-SE NO SOFÁ; JOÃO DO AMARAL, FELÍCIO, GAINER E O MENINO, NAS CADEIRAS; CECÍLIA E JÚLIA FICAM EM PÉ JUNTO A MARIQUINHA, QUE BRINCAM COM A CRIANÇA.

EUFRÁSIA - ASSENTANDO-SE. - Ai, estou cansada de subir suas escadas!

CLEMÊNCIA - Pois passe a noite comigo e faça a outra visita amanhã.

Os Dois, ou, o inglês maquinista

JOÃO DO AMARAL - Não pode ser.

CLEMÊNCIA - Deixe-se disso. BATENDO PALMAS: Ó lá de dentro?

EUFRÁSIA - Não, comadre. CHEGA UM PAJEM PARDO À PORTA

CLEMÊNCIA - Aprontem o chá depressa. SAI O PAJEM

JOÃO - Não pode ser, muito obrigado.

FELÍCIO - Aonde vai com tanta pressa, minha senhora?

EUFRÁSIA - Nós?

JOÃO - PARA FELÍCIO. - Um pequeno negocio.

EUFRÁSIA - Vamos à casa de D. Rita.

CLEMÊNCIA - Deixe-se de D. Rita. Que vai lá fazer?

EUFRÁSIA - Vamos pedir a ela para falar à mulher do Ministro.

CLEMÊNCIA - Pra que?

EUFRÁSIA - Nós ontem ouvimos dizer que se ia criar uma repartição nova e queria ver se arranjávamos um lugar pra João.

CLEMÊNCIA - Já não ateimo.

FELÍCIO - PARA JOÃO. - Estimarei muito que seja atendido; é justiça que lhe fazem.

EUFRÁSIA - O senhor diz bem.

JOÃO - Sou empregado de repartição extinta; assim, é justo que me empreguem. Até mesmo é economia.

GAINER - Economia sim.

JOÃO - PARA GAINER. - Há muito tempo que me deviam ter empregado, mas enfim...

CLEMÊNCIA - Não se vê senão injustiças.

EUFRÁSIA - Comadre, passando de uma coisa para outra: a costureira estêve cá hoje?

CLEMÊNCIA - Estêve e me trouxe os vestidos novos.

EUFRÁSIA - Mande buscar.

CECÍLIA - Sim, sim, mande-os buscar, madrinha.

CLEMÊNCIA - BATENDO PALMAS. - Pulquéria? DENTRO UMA VOZ - Senhora?

CLEMÊNCIA - Vem cá.

CECÍLIA - PARA MARIQUINHA - Quantos vestidos novos você mandou fazer?

MARIQUINHA e CLEMÊNCIA - Dois. ENTRA UMA RAPARIGA

CLEMÊNCIA - Vá la dentro do meu quarto de vestir, dentro do meu guarda-fato à direita, tira os vestidos novos que vieram hoje. Olha, não machuque os outros. Vai anda. SAI A RAPARIGA

CECÍLIA - PARA MARIQUINHA - De que moda mandou fazer os vestidos?

MARIQUINHA - Diferentes e... Ora, ora Lulu, que lôgro!

EUFRÁSIA e Cecília - O que foi?

MARIQUINHA - Mijou-se tôda!

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

EUFRÁSIA - Não lhe disse? OS MAIS RIEM-SE

MARIQUINHA - Marotinho!

EUFRÁSIA - Rosa, pega o menino.

CECÍLIA - Eu já não gosto de pegar nêle por isso. A PRETA TOMA O MENINO E MARIQUINHA FICA SACUDINDO O VESTIDO

JOÃO - Foi boa peça!

MARIQUINHA - Não faz mal. ENTRA A RAPARIGA COM QUATRO VESTIDOS E ENTREGA A CLEMENCIA.

JOÃO - PARA FELÍCIO - Temos maçada!

FELÍCIO - Estão as senhoras no seu geral.

CLEMÊNCIA - MOSTRANDO OS VESTIDOS - Olhe. AS QUATRO SENHORAS AJUNTAM-SE Á RODA DOS VESTIDOS E EXAMINAM ORA UM, ORA OUTRO; A RAPARIGA FICA EM PÉ NA PORTA; O MENINO BOLE EM TUDO QUANTO ACHA E TREPA NAS CADEIRAS PARA BULIR COM OS VIDROS; FELÍCIO E GAINER LEVANTAM-SE E PASSEIAM DE BRAÇOS DADOS PELA SALA, CONVERSANDO. AS QUATRO SENHORAS QUASE QUE FALAM AO MESMO TEMPO.

CECÍLIA - Esta chita é bonita.

EUFRÁSIA - Olhe esse riscadinho, menina!

CLEMÊNCIA- Pois custou bem barato; comprei à porta.

CECÍLIA - Que feitio tão elegante! Êste é seu, não é?

MARIQUINHA - É, eu mesmo é que dei o molde.

CLEMÊNCIA- São todos diferentes. Êste é de costa lisa, e êste não.

CECÍLIA - Êste há-de ficar bem.

CLEMÊNCIA- Muito bem. É uma luva.

MARIQUINHA - Já viu o feitio desta manga?

CECÍLIA - É verdade como é bonita! Olhe, minha mãe.

EUFRÁSIA - São de pregas enviesadas. PARA O MENINO Menino fique quieto.

MARIQUINHA - Êste cabeção fica muito bem.

CECÍLIA - Tenho um assim.

EUFRÁSIA - Que roda!

MARIQUINHA - Assim é que eu gosto.

CLEMÊNCIA- E não levou muito caro.

EUFRÁSIA - Quanto? PARA O MENINO Juca, desce daí.

CLEMÊNCIA- A três mil-réis.

EUFRÁSIA - Não é caro.

CECÍLIA - Parece seda essa chita. PARA O MENINO Juquinha, mamãe já disse que fique quieto

CLEMÊNCIA- A Merenciana está cortando muito bem.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Os Dois, ou, o inglês maquinista

EUFRÁSIA - É assim.

CECÍLIA - Já não mandam fazer mais na casa das francesas?

MARIQUINHA - Mandam só os de seda.

CLEMÊNCIA- Não vale a pena mandar fazer vestidos de chita pelas francesas; pedem sempre tanto dinheiro! **ESSA CENA DEVE SER TÔDA MUITO VIVA. OUVESSE DENTRO BULHA DE LOUÇA QUE SE QUEBRA.** O que é isso lá dentro?

VOZ LÁ DE DENTRO - Não é nada senhora.

CLEMÊNCIA- Nada? O que é que se quebrou lá dentro? Negras!...

VOZ LÁ DE DENTRO - Foi o cachorro.

CLEMÊNCIA - Estas minhas negras!... Com licença. **CLEMÊNCIA SAI**

EUFRÁSIA - É tão descuidada esta nossa gente!

JOÃO DO AMARAL - É preciso ter paciência. **OUVE-SE DENTRO BULHA COMO DE BOFETADAS E CHICOTADAS** Aquela pagou caro..

EUFRÁSIA - **GRITANDO** - Comadre, não se aflija.

JOÃO DO AMARAL - Se assim não fizer nada tem.

EUFRÁSIA - Basta, comadre perdoe por esta . **CESSAM AS CHICOTADAS** Êstes nossos escravos fazem-nos criar cabelos brancos. **ENTRA CLEMÊNCIA ARRANJANDO O LENÇO DO PESCOÇO E MUITO ESFOGUEADA.**

CLEMÊNCIA - Os senhores desculpem, mas não se pode... **ASSENTA-SE E TOMA RESPIRAÇÃO** Ora veja só! Foram aquelas desavergonhadas deixar mesmo na beira da mesa a salva com os copos pra o cachorro dar com todo no chão! Mas pagou-me!

EUFRÁSIA - Lá por casa é a mesma coisa. Ainda ontem a pamonha da minha Joana quebrou duas xícaras.

CLEMÊNCIA - Fazem perder a paciência. Ao menos as duas não são tão mandrionas.

EUFRÁSIA - Não são? Xi! Se eu lhe contar não há de crer. Ontem, todo o santo dia a Mônica levou a ensaboar quatro camisas do João.

CLEMÊNCIA - E porque não as esfrega.

EUFRÁSIA - É o que a comadre pensa.

CLEMÊNCIA - Eu não gosto de dar pancadas. Porem, deixemo-nos disso agora. A comadre ainda não viu o meu africano?

EUFRÁSIA - Não. Pois teve um?

CLEMÊNCIA - Tive; venham ver. **LEVANTA-SE** Deixe os vestidos aí que a rapariga vem buscar. Felício, diga ao senhor Mister que se quiser entrar não faça cerimônia.

GAINER - Muito obrigada.

CLEMÊNCIA- Então, com sua licença.

EUFRÁSIA - **PARA A PRETA** - Traz o menino. **SAEM CLEMÊNCIA, EUFRÁSIA, MARIQUINHA, CECÍLIA, JOÃO DO AMARAL, JÚLIA, O MENINO, A PRETA E O MOLEQUE.**

cena 7

FELÍCIO O GAINER

FELÍCIO - Estou admirado! Excelente idéia! Bela e admirável máquina!

GAINER - CONTENTE - Admirável, sim.

FELÍCIO - Deve dar muito interêsse.

GAINER - Muita interêsse o fabricante. Quanto êste máquina estiver acabada, não precisa mais de cuzineiro, de sapateira e de outras muitas ofícias.

FELÍCIO - Então a máquina supre tôdos esses ofícios?

GAINER - Oh, sim! Eu bota a máquina ai no meio da sala, manda vir um boi, bota a boi na buraco da maquine e meia hora sai por outra banda da máquina tudo já feita.

FELÍCIO - Mas explique-me bem isso.

GAINER - Olha. A carne do boi sai feita em beef, em roast-beef, fricandó e outras muitas; do couro sai sapatos, botas...

FELÍCIO - COM MUITA SERIEDADE - Envernizadas?

GAINER - Sim, também pode ser. Das chifres sai bocetas, pentes e cabos de facas; das ossos sai marcas...

FELÍCIO - NO MESMO - Boa ocasião para aproveitar os ossos para o seu açúcar.

GAINER - Sim, sim, também sai açúcar, balas da Pôrto e amêndoas.

FELÍCIO - Que prodígio! Estou maravilhado! Quando pretende fazer trabalhar a máquina?

GAINER - Conforme; falta ainda alguma dinheira. Eu queria fazer uma esprestima. Se o senhor quer fazer seu capital render cinqüenta por cento dá a mim para acabar a maquine, que trabalha depois por nossa conta.

FELÍCIO - À PARTE - Assim era eu tolo... PARA GAINER Não sabe quanto sinto não ter dinheiro disponível. Que bela ocasião de triplicar, quadruplicar, quintuplicar, que digo, centuplicar o meu capital em pouco! Ah!

GAINER - À PARTE - Dêstes tôlas eu quero muito.

FELÍCIO - Mas veja como os homens são maus. Chamara, o senhor, que é o homem o mais filantrópico e desinteressado e amicíssimo do Brasil, especulador de dinheiros alheios e outros nomes mais.

GAINER - A mim chamaram especuladora? A mim? By God! Quem é a atrevido que me dá essa nome?

FELÍCIO - É preciso, na verdade, muita paciência. Dizerem que o senhor está rico com espertezas!

GAINER - Eu rica! Que calúnia! Eu rica? Eu está pobre com minhas projetos pra bem do Brasil.

FELÍCIO - À PARTE - O bem do brasileiro é o estribilho dêstes malandros... (PARA GAINER) Pois não é isso que dizem. Muitos crêem que o senhor tem um grosso capital no Banco de Londres; e além disto, chamam-lhe de velhaco.

Os Dois, ou, o inglês maquinista

GAINER - DESESPERADO - Velhaca, velhaca! Eu quero mete bala nas miolos dêste patifa. Quem é êste que me chama velhaca?

FELÍCIO - Quem? Eu lho digo: ainda não há muito o Negreiro assim disse.

GAINER - Negreira disse? Oh, que patife de meia-cara... Vai ensina êle... Êle me paga. Goddam!

FELÍCIO - Se lhe dissesse tudo quanto êle tem dito...

GAINER - Não precisa dize; basta chama velhaca a mim pra eu mata êle. Oh, que patife de meia-cara! Eu vai dize a commander do brigue Wizart que êste patife é meia-cara; pra segura nos navios dêle. Velhaca! Velhaca! Goddam! Eu vai mata êle! Oh! SAI DESESPERADO

Cena 8

FELÍCIO - SÓ - Lá vai êle como um raio! Se encontra o Negreiro, temos salsada. Que furor mostrou por lhe dizer eu que o chamavam de velhaco! Dei-lhe na balda! Vejamos no que dá todo isto. Seguí-lo-ei de longe até que se encontre com o Negreiro; deve ser famoso o encontro. Ah, ah, ah! TOMA O CHAPÉU E SAI.

Cena 9

ENTRA CECÍLIA E MARIQUINHA

MARIQUINHA - ENTRANDO - É como eu lhe digo.

CECÍLIA - Tu não gostas nada dêle?

MARIQUINHA - Aborreço-o.

CECÍLIA - Ora, deixa-te disso. Êle não é rico?

MARIQUINHA - Dizem que muito.

CECÍLIA - Pois então? Casa-te com êle, tôla.

MARIQUINHA - Mas, Cecília, tu sabes que eu amo o meu primo.

CECÍLIA - E o que tem isso? Estou eu que amo a mais de um, e não perderia um tão bom casamento como o que agora tens. E tão belo Ter um marido que nos dê carruagens, chácara, vestidos novos pra todos os bailes... Oh, que fortuna! Já ia sendo feliz uma ocasião. Um negociante dêstes pé-de-boi, quis casar comigo, a ponto de escrever-me uma carta, fazendo a promessa; porem logo que soube que eu não tinha dote como êle pensava, sumiu-se e nunca mais o vi.

MARIQUINHA - E nesse tempo amavas a alguém?

CECÍLIA - Oh, se amava! Não faço outra coisa todos os dias. Olha, amava ao filho de D. Joana, aquêle tenente, amava aquêle que passava sempre por lá, de casaca verde; amava...

MARIQUINHA - Com efeito! E amava a todos?

CECÍLIA - Pois então?

MARIQUINHA - Tens belo coração de estalagem!

CECÍLIA - Ora, isto não é nada.

MARIQUINHA - Não é nada?

CECÍLIA - Não. Agora tenho mais namorados que nunca; tenho dois militares, um empregado do Tesouro, o cavalo rabão...

MARIQUINHA - Cavalo rabão?

CECÍLIA - Sim, um que anda num cavalo rabão.

MARIQUINHA - Ah!

CECÍLIA - Tenho mais outros dois que eu não conheço.

MARIQUINHA - Pois também namoras a quem não conheces?

CECÍLIA - Pra namorar não é preciso conhecer. Você quer ver a carta que um dêstes dois mandou-me mesmo quando estava-me vestindo para sair?

MARIQUINHA - Sim quero.

CECÍLIA - PROCURANDO NO SEIO A CARTA Não tive tempo de deixá-la na gaveta; minha mãe estava no meu quarto. ABRINDO A CARTA QUE ESTAVA MUITO DOBRADA Foi o moleque que me entregou. Escute. LENDO "Minha adorada e crepitante estrêla..." DEIXANDO DE LER Hem?

MARIQUINHA - Continua.

CECÍLIA - LENDO - "Os astros que brilham nas chamejantes esferas de teus sedutores e atrativos olhos, ofuscaram em tão súbito e sublimado ponto o meu amatório discernimento, que por ti me enlouqueceu. Sim meu bem, um general quando vence uma batalha não é mais feliz do que eu! Se receberes os meus sinceros sofrimentos, sereis ditoso; se não, ficarei louco e irei viver na Hircânia, no Japão, nos sertões de Minas, enfim, em toda parte aonde possa encontrar desumanas feras, e lá morrerei. Adeus dêste que jura ser teu, apesar da negra e fria morte. O mesmo". DEIXANDO DE LER Não está tão bem escrita? Que estilo! Que paixão, hem? Como estas, ou melhores ainda, tenho lá em casa muitas!

MARIQUINHA - Que te faça muito bom proveito, pois eu não tenho nem uma.

CECÍLIA - Ora veja só! Qual a moça que nunca recebe sua cartinha? Sim, também não admira; vocês dois moram em casa.

MARIQUINHA - Mas dize-me, Cecília, para que você tem tantos namorados?

CECÍLIA - Para que? Eu te digo; para duas coisas: primeira, para divertir-me; segunda, para ver se de tantos, algum cai.

MARIQUINHA - Mau calculo. Quando se sabe que uma moça dá corda a todos, todos brincam, todos...

CECÍLIA - Acaba.

MARIQUINHA - E todos a desprezam.

CECÍLIA - Desprezam! Pois não. Só se se é alguma tôla é que dá logo a perceber que tem muitos namorados. Cada um dos meus supõe-se único na minha afeição.

MARIQUINHA - Tens habilidade.

CECÍLIA - É tão bom estar-se à janela, vendo-os passar um atrás do outro como os soldados que passam em continência. Um aceno para um, uma tossezinha para outro, um sorriso, um escárnio, e vão eles tão contentezinhos...

Cena 10

ENTRA FELÍCIO

FELÍCIO - ENTRANDO - Perdi-o de vista.

CECÍLIA - ASSUSTANDO-SE - Ai que susto me meteu o Sr. Felício!

FELÍCIO - Muito sinto que...

CECÍLIA - Não faz mal. COM TERNURA Se todos os meus sustos fôsem como êste, não se me dava de estar sempre assustada.

FELÍCIO - E eu não me daria de causar, não digo susto, mas surprêsa a pessoas tão amáveis e belas como a Senhora Dona Cecília.

CECÍLIA - Não manguê comigo; ora veja!

MARIQUINHA - À PARTE - Já ela esta a namorar o primo. É insuportável. Primo?

FELÍCIO - Priminha.

MARIQUINHA - Aquilo?

FELÍCIO - Vai bem.

CECÍLIA - O que é.

MARIQUINHA - Uma coisa.

Cena 11

ENTRAM CLEMÊNCIA, EUFRÁSIA, JOÃO, JÚLIA , O MENINO, A PRETA COM A CRIANÇA E O MOLEQUE.

CLEMÊNCIA - Mostra que tem habilidade.

EUFRÁSIA - Assim é bom, pois o meu nem por isso. Quem também já vai adiantado é o Juca; ainda (ontem(?)) o João comprou-lhe um livro de fabula.

CLEMÊNCIA - As mestras da Júlia estão muito contentes com ela. Esta muito adiantada. Fala francês e daqui a dois dias não sabe mais falar português.

FELÍCIO - À PARTE - Belo adiantamento.

CLEMÊNCIA - É muito bom colégio. Júlia, comprimenta aqui o senhor em francês.

JÚLIA - Ora, mamã.

CLEMÊNCIA - Faça-se de tôla!

JÚLIA - Bom jour, Monsieur, comment vous portez-vous? Je suis votre serviteur.

JOÃO - Oui. Está muito adiantada.

EUFRÁSIA - É verdade.

CLEMÊNCIA - PARA JÚLIA - Como é mesa em francês?

JÚLIA - Table.

CLEMÊNCIA - Braço?

JÚLIA - Bras.

CLEMÊNCIA - Pescoço?

JÚLIA - Cou.

CLEMÊNCIA - Menina!

JÚLIA - É cou mesmo, mamã; não é primo? Não é cou que significa?

CLEMÊNCIA - Está bom, basta.

EUFRÁSIA - Êstes franceses são tão porcos. Ora veja, chamar o pescoço, que está ao pé da cara, com êste nome tão feio.

JOÃO - PARA EUFRÁSIA - Senhora, são horas de nós irmos.

CLEMÊNCIA - Já?

JOÃO - É tarde.

EUFRÁSIA - Adeus, comadre, qualquer dêstes dias cá virei. D. Mariquinha, adeus. DÁ UM ABRAÇO E UM BEIJO

MARIQUINHA - Passe bem. Cecília, até quando.

CECÍLIA - Até nos encontrarmos. Adeus. DÁ ABRAÇOS E MUITOS BEIJOS

EUFRÁSIA - PARA CLEMÊNCIA - Não se esqueça daquilo.

CLEMÊNCIA - Não.

JOÃO - PARA CLEMÊNCIA - Comadre, boas noites.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Os Dois, ou, o inglês maquinista

CLEMÊNCIA - Boas noites, compadre.

EUFRÁSIA E CECÍLIA - Adeus, adeus! Até sempre. OS DA CASA ACOMPANHAM-NOS.

EUFRÁSIA - PARANDO NO MEIO DA CASA - Mande o vestido pela Joana.

CLEMÊNCIA - Sim. Mas quer um só, ou todos os dois?

EUFRÁSIA - Basta um.

CLEMÊNCIA - Pois sim.

CECÍLIA - PARA MARIQUINHA - Você também mande-me o molde das mangas. Mamã, não era melhor fazer o vestido de mangas justas?

EUFRÁSIA - Faze como quiseres.

JOÃO - Deixe isto para outra ocasião e vamos, que é tarde.

EUFRÁSIA - Já vamos, já vamos. Adeus, minha gente, adeus. BEIJOS E ABRAÇOS

CECÍLIA - PARA MARIQUINHA - O livro que te prometi mando amanhã.

MARIQUINHA - Sim.

CECÍLIA - Adeus. Boas noites, senhor Felício.

EUFRÁSIA - PARANDO QUASE JUNTO DA PORTA - Você sabe? Nenhuma das sementes pegou.

CLEMÊNCIA - É que não soube plantar.

EUFRÁSIA - Qual!

MARIQUINHA - Adeus, Lulu.

EUFRÁSIA - Não eram boas.

CLEMÊNCIA - Eu mesmo as colhi.

MARIQUINHA - Marotinho!

CECÍLIA - Se você ver D. Luiza, dê lembranças.

EUFRÁSIA - Mande outras.

MARIQUINHA - Mamã, olhe Lulu que está lhe estendendo os braços.

CLEMÊNCIA - Um beijinho.

CECÍLIA - Talvez possa vir amanhã.

CLEMÊNCIA - Eu mando outras, comadre.

JOÃO - Então vamos ou não vamos?

EUFRÁSIA - Você sabe? Nenhuma das sementes pegou. FALAM TODOS AO MESMO TEMPO, COM ALGAZARRA.

CLEMÊNCIA - Já vão, já vão.

EUFRÁSIA - Espere um bocadinho.

JOÃO - PARA FELICIO - Não se pode aturar senhoras.

EUFRÁSIA - Adeus, comadre, o João quer-se ir embora. Talvez venham cá os Reis.

CECÍLIA - É verdade e...

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

JOÃO - Ainda não basta?

EUFRÁSIA - Que impertinência! Adeus, adeus!

CLEMÊNCIA E MARIQUINHA - Adeus , adeus.

EUFRÁSIA - CHEGA À PORTA E PÁRA - Quando quiser, mande a abóbora para fazer o doce.

CLEMÊNCIA - Pois sim, quando estiver madura lá mando, e....

JOÃO - À PARTE - Ainda não vai desta, irra!

CECÍLIA - PARA MARIQUINHA - Esqueci-me de te mostrar o meu chapéu.

CLEMÊNCIA - Não bota cravo.

CECÍLIA - Manda buscar?

EUFRÁSIA - Pois sim, tenho uma receita.

MARIQUINHA - Não teu pai está zangado.

CLEMÊNCIA - Com flor de laranja.

EUFRÁSIA - Sim.

JOÃO - À PARTE, BATENDO COM O PÉ - É de mais!

CECÍLIA - Mande para eu ver.

MARIQUINHA - Sim.

EUFRÁSIA - Que o açúcar seja bom.

CECÍLIA - E outras coisas novas.

CLEMÊNCIA - É muito bom.

EUFRÁSIA - Está bem, adeus. Não se esqueça.

CLEMÊNCIA - Não.

CECÍLIA - Enquanto a Vitoriana está lá em casa

MARIQUINHA - Conta bem.

CECÍLIA - Adeus Júlia.

JÚLIA - Adeus.

CECÍLIA - Sim.

JÚLIA - Lulu, adeus, bem, adeus!

MARIQUINHA - Não faça êle cair!

JÚLIA - Não.

JOÃO - Eu vou saindo. Boas noites. À PARTE - Irra, irra!

CLEMÊNCIA - Boas noites sô João.

EUFRÁSIA - Anda, menina, Juca, vem.

TODOS - Adeus, adeus, adeus! TÔDA ESTA CENA DEVE SER COMO A OUTRA FALADA AO MESMO TEMPO.

JOÃO - Enfim! SAEM EUFRÁSIA, CECÍLIA, JOÃO, O MENIMO E A PRETA;

Os Dois, ou, o inglês maquinista

CLEMÊNCIA , MARIQUINHA FICAM À PORTA; FELÍCIO ACOMPANHA AS VISITAS.

EUFRÁSIA - DE DENTRO - Toma sentido nos Reis pra me contar.

CLEMÊNCIA - DA PORTA - Hei-de tomar bem sentido.

CECÍLIA - DE DENTRO - Adeus, bem! MARIQUINHA?

MARIQUINHA - Adeus.

CLEMÊNCIA - DA PORTA - Ó comadre, manda o Juca amanhã, que é Domingo.

EUFRÁSIA - DE DENTRO - Pode ser. Adeus.

Cena 12

CLEMÊNCIA, MARIQUINHA E FELÍCIO

CLEMÊNCIA- Menina, são horas se mandar arranjar a mesa pra ceia dos Reis.

MARIQUINHA - Sim mamã.

CLEMÊNCIA- Viste a Cecília como vinha? Não sei aquela comadre aonde quer ir parar. Tanto luxo e o marido ganha tão pouco! São milagres que estas gentes sabem fazer.

MARIQUINHA - Mas elas cosem pra fora.

CLEMÊNCIA- Ora, o que dá a costura? Não sei, não sei! Há coisas que não se podem explicar... Donde lhes vem o dinheiro não posso dizer. Elas que o digam. ENTRA FELÍCIO
Felício, você também não acompanha os Reis?

FELÍCIO - Hei-de acompanhar, minha tia.

CLEMÊNCIA- E ainda é cedo?

FELÍCIO - TIRANDO O RELÓGIO Ainda; apenas são nove horas.

CLEMÊNCIA- Ai meu tempo!

Cena 13

ENTRA NEGREIRO ACOMPANHADO DE UM PRETO DE GANHO COM UM CESTO Á CABEÇA COBERTO COM UM COBERTOR DE BEATA ENCARNADA.

NEGREIRO - Boas noites!

CLEMÊNCIA- Oh, pois voltou? O que traz com êste prêto?

NEGREIRO - Um presente que lhe ofereço.

CLEMÊNCIA- Vejamos o que é.

NEGREIRO - Uma insignificância... Arreia, pai. NEGREIRO AJUDA AO PRETO A BOTAR O CESTO NO CHÃO. CLEMENCIA, MARIQUINHA CHEGAM-SE PARA JUNTO DO CESTO, DE MODO QUE ÊSTE FICA A VISTA DOS ESPECTADORES.

CLEMÊNCIA- Descubra. NEGREIRO DESCOBRE O CESTO E DÊLE LEVANTA-SE UM MOLEQUE DE TANGA E CARAPUÇA ENCARNADA, O QUAL FICA EM PE DENTRO DO CESTO. Ó gentes!

MARIQUINHA - AO MESMO TEMPO Oh!

FELÍCIO - AO MESMO TEMPO Um meia-cara.

NEGREIRO - Então, hem? PARA O MOLEQUE - Quenda, quenda! PUXA O MOLEQUE PARA FORA

CLEMÊNCIA- Como é bonitinho.

NEGREIRO - Ah, ah!

CLEMÊNCIA- Pra que o trouxe no cêsto?

NEGREIRO - Por causa dos malsins...

CLEMÊNCIA- Boa lembrança. EXAMINANDO O MOLEQUE: Está gordinho... bons dentes...

NEGREIRO - À PARTE, PARA CLEMÊNCIA É dos desembarcados ontem no Botafogo...

CLEMÊNCIA- Ah! Fico-lhe muito obrigada.

NEGREIRO - PARA MARIQUINHA Há de ser seu pajem.

MARIQUINHA - Não preciso de pajem.

CLEMÊNCIA- Então, Mariquinha?

NEGREIRO - Está bom, trar-lhe-ei uma mocamba.

CLEMÊNCIA- Tantos obséquios... Dá licença que o leve para dentro?

NEGREIRO - Pois não, é seu.

CLEMÊNCIA- Mariquinha, vem cá. Já volto. SAI CLEMENCIA, LEVANDO PELA MÃO O MOLEQUE, E MARIQUINHA.

Cena 14

NEGREIRO - PARA O PRÊTO DE GANHO Toma lá. DÁ LHE DINHEIRO; O PRETO TOMA O DINHEIRO E FICA ALGUM TEMPO OLHANDO PARA ÊLE. Então, acha pouco?

O NEGRO - Eh, ah, pouco... carga pesado....

NEGREIRO - GRITANDO Salta já daqui, tratante! EMPURRANDO-O Pouco, pouco! Salta!

FELÍCIO - À PARTE - Sim, empurra o pobre preto, que eu também te empurrarei sobre alguém ...

NEGREIRO - VOLTANDO Acha um vintém pouco!

FELÍCIO - Sr. Negreiro...

NEGREIRO - Meu caro senhor?

FELÍCIO - Tenho uma coisa que lhe comunicar com a condição porem que o senhor se não há-de alterar.

NEGREIRO - Vejamos.

FELÍCIO - A simpatia que pelo senhor sinto é que me faz falar...

NEGREIRO - Adiante, adiante...

FELÍCIO - À PARTE Espera, que eu te ensino, grosseirão. PARA NEGREIRO O Sr. Gainer, que a pouco saiu, disse-me que ia ao juiz de paz denunciar os meias-caras que o senhor tem em casa e ao comandante do brigue inglês Wizard os seus navios que espera todos os dias.

NEGREIRO - Quê? Denunciar-me, aquê patife? Velhaco mor! Denunciar-me? Oh, não que eu me importe com a denuncia ao juiz de paz; com êste eu ca me entendo; mas é patifaria, desaforo!

FELÍCIO - Não sei por que êle tem tanta raiva do senhor.

NEGREIRO - Por quê? Porque eu digo em toda a parte que êle é um especulador velhaco e velhacão! Oh, inglês do diabo, se eu te pilho! Inglês de um dardo!

Cena 15

ENTRA GAINER APRESSADO

GAINER - ENTRANDO - Darda tu, patife!

NEGREIRO - Oh!

GAINER - TIRANDO APRESSADO A CASACA . Agora me pega!

FELÍCIO - À PARTE, RINDO-SE - Temos touros!

NEGREIRO - INDO SÔBRE GAINER - Espera goddam dos quinhentos!

GAINER - INDO SÔBRE NEGREIRO Meia-cara GAINER E NEGREIRO BRIGAM AOS SOCOS. GAINER GRITANDO CONTINUADAMENTE : Patifa! Goddmam!

NEGREIRO - Velhaco! Tratante!

FELÍCIO - RI-SE, DE MODO POREM QUE OS DOIS NÃO PRESSINTAM. OS DOIS CAEM E ROLAM BRIGANDO SEMPRE.

FELÍCIO - À PARTE, VENDENDO A BRIGA Bravo os campeões! Belo sôco! Assim, inglesinho! Bravo o Negreiro! Lá caem... Como estão zangados.

Cena 16

ENTRA CLEMÊNCIA E MARIQUINHA

FELÍCIO - VENDENDO-AS ENTRAR - Senhores, acomodem-se. PROCURA APARTÁ-LOS

CLEMÊNCIA- Então o que é isso, senhores? Contendas em minha casa?

FELÍCIO - Sr. Negreiro, acomode-se. OS DOIS LEVANTAM-SE E FALAM AO MESMO TEMPO.

NEGREIRO - Êste yes do diabo...

GAINER - Negreira atrevida...

NEGREIRO - ... teve a pouca vergonha...

GAINER - ... chama a mim...

NEGREIRO - ... de denunciar-me...

GAINER - ... velhaca...

FELÍCIO - Senhores!

CLEMÊNCIA- Pelo amor de Deus sosseguem!

NEGREIRO - ANIMANDO-SE Ainda não estou em mim...

GAINER - ANIMANDO-SE Inglês não sofre...

NEGREIRO - Quase que o mato!

GAINER - Goddam. QUER IR CONTRA NEGREIRO, MAS CLEMÊNCIA E FELÍCIO APARTAM.

CLEMÊNCIA- Sr. Mister! Sr. Negreiro!

NEGREIRO - Se não fosse a senhora, havia de ensinar-te, yes do diabo.

CLEMÊNCIA- Basta, basta!

GAINER - Eu vai-se embora, não quer mais ver nas minhas olhos êste homem. SAI ARREBATADAMENTE VESTINDO A CASACA.

NEGREIRO - PARA CLEMÊNCIA Faz-me o favor. LEVA-A -PARA UM LADO A senhora sabe quais são minhas intenções nesta casa a respeito de sua filha, mas como creio que êste maldito tem as mesmas intenções...

CLEMÊNCIA- As mesmas intenções?

NEGREIRO - Sim senhora, pois julgo que pretendia também casar com sua filha

CLEMÊNCIA- Pois é de Mariquinha que êle gosta?

NEGREIRO - Pois não nota a sua assiduidade?

CLEMÊNCIA- À PARTE - E eu que pensava que era por mim!

NEGREIRO - É tempo de decidir: ou eu ou êle.

CLEMÊNCIA- Êle casar-se com Mariquinha? É o que faltava!

NEGREIRO - É quanto pretendia saber. Conceda que vá mudar de roupa, e já volto para acertarmos o negocio. Eu volto. SAI

Os Dois, ou, o inglês maquinista

CLEMÊNCIA- À PARTE - Era dela que êle gostava! E eu então? PARA MARIQUINHA O que estão vocês aí bisbilhotando? As filhas nêste tempo não fazem caso das mães! Pra dentro, pra dentro!

MARIQUINHA - ESPANTADA - Mas, mamã...

CLEMÊNCIA- MAIS ZANGADA - Ainda em cima respondona! Pra dentro! CLEMÊNCIA EMPURRA MARIQUINHA PRA DENTRO, QUE VAI CHORANDO.

FELÍCIO - Que diabo quer isto dizer? O que diria êle a minha tia para indispo-la dêste modo contra a prima? O que será? Ela me dirá. SAI ATRÁS DE CLEMÊNCIA

Cena 17

ENTRA NEGREIRO NO MOMENTO QUE FELÍCIO SAI

NEGREIRO - Psiu! Não ouve-me... Esperarei. Quero que me dê informações mais miúdas a respeito da denuncia que o tal patife deu ao cruzeiro inglês dos navios que espero. Isto... Não, que os tais meninos andam com o olho vivo pelo que bem o sei eu, e todos, em suma. Seria bem bom se eu pudesse arranjar êste casamento o mais breve possível. Lá com a moça, em suma, não importa; o que eu quero é o dote. Faz-me certo arranjo... E o inglês também queria, como tolo! Já ando meio desconfiado... Alguém vem! Se eu me escondesse, talvez pudesse ouvir... Dizem que é feio... Que importa? Primeiro o meu dinheiro, em suma. ESCONDE-SE POR TRÁS DA CORTINA DA PRIMEIRA JANELA.

Cena 18

ENTRA CLEMÊNCIA

CLEMÊNCIA- É preciso que isso se decida. Ó lá de dentro! José?

UMA VOZ - DENTRO - Senhora!

CLEMÊNCIA- Vem cá. A quanto estão as mulheres sujeitas! Vai a casa do Sr. Gainer, aquele inglês, e entrega-lhe esta carta. SAI O PAJEM. NEGREIRO, DURANTE TODA ESTA CENA E A SEGUINTE, OBSERVA, ESPIANDO.

NEGREIRO - À PARTE - Uma carta para o inglês!

CLEMÊNCIA- PASSEANDO - Ou com êle ou com nenhum mais.

NEGREIRO - Ah, o caso é êste!

CLEMÊNCIA- NO MESMO - Estou bem certa que êle fará a felicidade de uma mulher.

NEGREIRO - À PARTE - Muito bom, muito bom!

CLEMÊNCIA- NO MESMO - O mau foi êle brigar com o Negreiro.

NEGREIRO - À PARTE - E o pior é não lhe quebrar eu a cara...

CLEMÊNCIA- Mas não devo hesitar: se for necessário, fecharei minha porta ao Negreiro.

NEGREIRO - Muito obrigado.

CLEMÊNCIA- Êle se há-de zangar.

NEGREIRO - Pudera não! E depois de dar um moleque que podia vender por duzentos mil-réis...

CLEMÊNCIA- NO MESMO - Mas que importa? É preciso por meus negócios em ordem, e só ele é capaz de os arranjar depois de se casar comigo.

NEGREIRO - À PARTE - Hem? Como é lá isso? Ah!

CLEMÊNCIA- Há dois anos que o meu marido foi morto no Rio Grande pelos rebeldes, indo la liquidar umas contas. Deus tenha sua alma em glória; tem-me feito uma falta que só eu sei. É preciso casar-me; ainda estou moça. Todas as vezes que me lembro do defunto vem-me as lagrimas aos olhos... Mas se êle não quiser.

NEGREIRO - À PARTE - Se o defunto não quiser?

CLEMÊNCIA- Mas, não, a fortuna que tenho e mesmo alguns atrativos que possuo, seja dito sem vaidade, podem vencer maiores impossíveis. Meu pobre defunto marido! CHORA Vou fazer a minha toilette. SAI

Cena 19

NEGREIRO SAI DA JANELA

NEGREIRO - E então? Que tal a viuva? ARREMEDANDO A VOS DE CLEMÊNCIA Meu pobre defunto marido... Vou fazer minha toilette. Não é má! Chora por um e enfeita-se para outro. Essas viúvas! Bem diz o ditado que viuva rica por um olho chora, e por outro repica. Vem gente... será o inglês? ESCONDENDO-SE

Cena 20

ENTRA ALBERTO VAGAROSO E PENSATIVO; OLHA AO REDOR DE SI, EXAMINANDO TUDO COM ATENÇÃO. VIRA VESTIDO POBREMENTE, MAS COM DECÊNCIA. NEGREIRO, QUE DA JANELA ESPIANDO O OBSERVA, MOSTRA-SE ATERRADO DURANTE TODA A SEGUINTE CENA.

ALBERTO - Eis-me depois de dois anos de privações e misérias restituído ao seio de minha família!

NEGREIRO - À PARTE - O defunto!

ALBERTO - Minha mulher e minha filha ainda se lembrarão de mim? Serão elas felizes, ou como eu experimentarão os rigores do infortúnio? Há apenas duas horas que desembarquei, chegando dessas malfadada província aonde dois anos estive prisioneiro. Lá os rebeldes me detiveram, porque julgavam que eu era um espião; minhas cartas para minha família foram interceptadas e minha mulher talvez me julgue morto... Dois anos, que mudanças terão trazidos consigo? Cruel ansiedade! Nada indaguei, quis tudo ver com os meus próprios olhos ... É esta a minha casa, mas êstes moveis não conheço... Mais ricos e suntuosos são do que aquêles que deixei. Oh, terá também minha mulher mudado? Sinto passos... Ocultemo-nos... Sinto-me ansioso de temos e alegria... meu Deus! ENCAMINHA-SE PARA JANELA AONDE ESTA ESCONDIDO NEGREIRO.

NEGREIRO - À PARTE - Oh, diabo! Hei-lo comigo. ALBERTO, QUERENDO ESCONDER-SE NA JANELA, DÁ COM NEGREIRO E RECUA ESPANTADO

ALBERTO - Um homem! Um homem escondido em minha casa!

NEGREIRO - SAINDO DA JANELA - Senhor!

ALBERTO - Quem es tu? Responde! AGARRA-O

NEGREIRO - Eu, pois não me conheces, Sr. Alberto? Sou Negreiro, seu amigo... Não me conheces?

ALBERTO - Negreiro... sim... Mas meu amigo, e escondido em casa de minha mulher!

NEGREIRO - Sim senhor, sim senhor, por ser seu amigo é que estava escondido em casa de sua mulher.

ALBERTO - AGARRANDO NEGREIRO PELO PESCOÇO - Infame!

NEGREIRO - Não me afogue! Olhe que eu grito!

ALBERTO - Dize, por que te escondia?

NEGREIRO - Já lhe disse que por ser seu verdadeiro amigo... Não aperte que não posso, e então também dou como um cego, em suma.

ALBERTO - DEIXANDO-O - Desculpa-te se podes, ou treme...

NEGREIRO - Agora sim, vá ouvindo. À PARTE Assim safo-me da arriosa e vingo-me, em suma do inglesinho. PARA ALBERTO Sua mulher é uma traidora!

ALBERTO - Traidora?

NEGREIRO - Traidora, sim, pois não tendo certeza da sua morte, já tratava de casar-se.

ALBERTO - Ela casar-se, tu mentes! AGARRA-O COM FORÇA

NEGREIRO - Olhe que porco a paciência... Que diabo! Por ser seu amigo e vigiar sua mulher agarra-me desse modo? Tenha propósito ou eu... Cuida que é mentira? Pois esconda-se um instante comigo e verá. ALBERTO ESCONDE O ROSTO NAS MÃOS E FICA PENSATIVO. NEGREIRO À PARTE: Não está má a ressurreição! Que surpresa para a mulher! Ah inglesinho, agora me pagarás!

ALBERTO - TOMANDO-O PELO BRAÇO - Vinde... Tremei porem, se sois um caluniador. Vinde! ESCONDEM-SE AMBOS NA JANELA E OBSERVAM DURANTE TODA A CENA SEGUINTE.

NEGREIRO - NA JANELA - A tempo nos escondemos, que alguém se aproxima!

Cena 21

ENTRA FELÍCIO E MARIQUINHA

FELÍCIO - É preciso que te resolvas o quanto antes.

ALBERTO - DA JANELA - Minha filha!

MARIQUINHA - Mas...

FELÍCIO - Que irresolução é a tua? A desavença entre os dois fará com que a tia apresse o teu casamento - com qual dêles não sei. O certo é que de um estamos livre; resta-nos outro. Só com a coragem e resolução nos podemos tirar dêste passo. O que disse o Negreiro à tua mãe não sei, porem, o que quer que seja, a tem perturbado muito, e meu plano vai-se desarranjando.

MARIQUINHA - Oh, é verdade, a mamãe tem ralhado comigo depois desse momento, e me tem dito que eu seria a causa da sua morte...

FELÍCIO - Se tivesse coragem de dizer a tua mãe que nunca te casarás com o Gainer ou com o NEGREIRO...

NEGREIRO - DA JANELA - Obrigado!

MARIQUINHA - Jamais o ousarei!

FELÍCIO - Pois bem, se não ousas dizer, fuja.

MARIQUINHA - Oh, não, não!

CLEMÊNCIA - DENTRO - Mariquinha?

MARIQUINHA - Adeus! Nunca pensei que você me fizesse semelhante proposição!

FELÍCIO - SEGURANDO-A PELA MÃO - Perdoa, perdoa ao meu amor! Estás mal comigo? Pois bem, já não falarei em fugida, em planos, em entregas; apareça só a força e a coragem. Aquêles que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça comigo se verá. Que me importa a vida sem ti? E um homem que despreza a vida...

MARIQUINHA - SUPPLICANTE - Felício!

CLEMÊNCIA - DENTRO - Mariquinha?

MARIQUINHA - Senhora? Eu te rogo, não me faças mais desgraçadas!

CLEMÊNCIA - DENTRO - Mariquinha, não ouves?

MARIQUINHA - Já vou, minha mãe. Não é verdade que estavas brincando?

FELÍCIO - Sim, sim, estava; vai descansada.

MARIQUINHA - Eu creio em tua palavra. SAI APRESSADA

Cena 22

FELÍCIO - SÓ - Crê na minha palavra, porque eu disse que serás minha. Com aquêles dos dois que te ficar pertencendo irei ter, e será o teu esposo aquêles que a morte poupar. São dez horas, os amigos me esperam. Amanhã se decidirá, minha sorte. TOMA O CHAPÉU QUE ESTA SÔBRE A MESA E SAI.

Cena 23

ALBERTO E NEGREIRO, SEMPRE NA JANELA

ALBERTO - Oh, minha ausência, minha ausência!

NEGREIRO - A mim não me matará! Safa, em suma.

ALBERTO - A que cenas vim eu assistir em minha casa!

NEGREIRO - E que direi eu? Que tal o menino?

ALBERTO - Clemência, Clemência, assim conservavas tu a honra da nossa família? Mas o senhor pretendia casar-se com minha filha?

NEGREIRO - Sim senhor, e creio que não sou um mau partido; porem já desisti, em suma, e... Caluda, caluda!

Cena 24

ENTRA CLEMÊNCIA MUITO BEM VESTIDA

ALBERTO - NA JANELA - Minha mulher Clemência!

NEGREIRO - NA JANELA - Fique quieto.

CLEMÊNCIA- ASSENTANDO-SE - Ai, já tarda... Êste vestido me vai bem... Estou com meus receios... Tenho a cabeça ardendo de alguns cabelos brancos que arranquei... Não sei o que sinto; tenho assim umas lembranças do meu defunto... É verdade que já estava velho.

NEGREIRO - NA JANELA - Olhe, chama-o de defunto e velho!

CLEMÊNCIA- Sobem as escadas! LEVANTA-SE

NEGREIRO - Que petisco para o marido! E casai-vos!

CLEMÊNCIA- É êle!

Cena 25

ENTRA GAINER

GAINER - ENTRANDO - Dá licença? Sua criado... Muito obrigada.

NEGREIRO - NA JANELA - Não há de que.

CLEMÊNCIA- CONFUSA - O senhor... eu suponha... porem...eu. Não quer se assentar?
ASSENTAM-SE

GAINER - Eu recebo uma carta para vir tratar de uma negocia.

CLEMÊNCIA- Fiada em sua bondade...

GAINER - Oh, meu bondade... obrigada.

CLEMÊNCIA- O Sr. Mister bem sabe que... À PARTE Não sei o que lhe diga.

GAINER - O que é que eu sabe?

CLEMÊNCIA- Talvez que não ignore que pela sentida morte de meu defunto... FINGE QUE CHORA fiquei senhora de uma boa fortuna.

GAINER - Boa fortuna é bom.

CLEMÊNCIA- Logo que estive certa de sua morte, fiz inventario, porque ficaram duas filhas menores; assim me aconselhou um doutor S. Paulo. Continuei por minha conta com o negocio do defunto; porem o Sr. Mister bem sabe que numa casa sem homem tudo vai para trás. Os caixeiros mangam, os corretores roubam; enfim, se isto durar mais tempo, dou-me por quebrada.

GAINER - Êste é mau, quebrada é mau.

CLEMÊNCIA- Se eu porem tivesse porem uma pessoa hábil e diligente que se pusesse a testa de minha casa, estou bem certa que ela tomaria outro rumo.

GAINER - It is true.

CLEMÊNCIA- Eu podia, como muitas pessoas me tem aconselhado, tomar um administrador, mas temo muito dar esse passo; o mundo havia ter logo que dizer, e minha reputação antes de tudo.

GAINER - Reputation, yes.

CLEMÊNCIA- E alem disso tenho uma filha já mulher. Assim, o único remédio que me resta é casar.

GAINER - Oh, yes! Casar Miss Mariquinha, depois tem uma genra para toma conta na casa.

CLEMÊNCIA- Não é isso o que eu lhe digo!

GAINER - Então mi não entende português.

CLEMÊNCIA- Assim me parece. Digo que é preciso que eu, eu me case.

GAINER - LEVANTANDO-SE - Oh, by, GOD! By god!

CLEMÊNCIA- LEVANTANDO-SE - De que se espanta? Eu estou tão velha que não possa casar?

GAINER - Mi não diz isso... Eu pensa na home que será sua marido.

CLEMÊNCIA- (À PARTE) - Bom... (PARA GAINER:) A única coisa que me embaraça é a escolha. Eu... (À PARTE) Não sei como dizer-lhe... (PARA GAINER) As boas qualidades... GAINER JÁ ENTENDEU A INTENÇÃO DE CLEMENCIA, ESFREGA, A PARTE AS MÃOS DE CONTENTE. CLEMENCIA, CONTINUANDO: Há muito tempo que o conheço, e eu... sim... não pode... o estado deve ser considerado, e... ora... Por que hei-de eu Ter vergonha de o dizer?... Sr Gainer, eu o tenha escolhido para meu marido; se o há-de ser de minha filha, seja meu...

GAINER - Mim aceita, mim aceita!

Os Dois, ou, o inglês maquinista

Cena 26

ABERTO SAI DA JANELA COM NEGREIRO E AGARRA GAINER PELA GARGANTA
CLEMÊNCIA- O defunto, o defunto! VAI CAIR DESMAIADA NO SOFÁ, AFASTANDO
AS CADEIRAS QUE ACHA NO CAMINHO.

GAINER - Goddam! Assassina!

ALBERTO - LUTANDO - Tu é que me assassinias!

GAINER - Ladrão!

NEGREIRO - Toma lá inglesinho! DÁ-LHE POR TRÁS

ALBERTO - LUTANDO - Tu e aquele infame...

Cena 27

ENTRA MARIQUINHA E JÚLIA

MARIQUINHA - O que é isto? Meu pai! Minha mãe! CORRE PARA JUNTO DE CLEMÊNCIA Minha mãe! ALBERTO É AJUDADO POR NEGREIRO, QUE TRANÇA A PERNA EM GAINER E LANÇA-O NO CHÃO. NEGREIRO FICA A CAVALO EM GAINER, DANDO E DESCOMPONDO; ALBERTO VAI PARA CLEMENCIA.

ALBERTO - Mulher infiel! Em dois anos de tudo te esqueceste! Ainda não tinhas certeza de minha morte e já te entregavas a outrem? Adeus e nunca mais te verei. QUER SAIR, MARIQUINHA LANÇA-SE A SEUS PÉS

MARIQUINHA - Meu pai, meu pai!

ALBERTO - Deixe-me, deixe-me! Adeus! VAI SAIR ARREBATADAMENTE; CLEMÊNCIA LEVANTA A CABEÇA E IMPLORA A ALBERTO, QUE AO CHEGAR A PORTA ENCONTRA-SE COM FELÍCIO, NEGREIRO E GAINER NÊSTE TEMPO LEVANTAM-SE.

FELÍCIO - Que vejo! Meu tio! Sois vós? TRAVANDO PELO BRAÇO O CONDUZ PARA A FRENTE DO TEATRO.

ALBERTO - Sim, é teu tio, que veio encontrar sua casa perdida e sua mulher infiel!

GAINER - Seu mulher! Tudo está perdida!

ALBERTO - Fugamos desta casa! VAI A SAIR APRESSADO

FELÍCIO - INDO ATRÁS - Senhor! Meu tio! QUANDO ALBERTO CHEGA A PORTA OUVI-SE CANTAR DENTRO.

UMA VOZ - DENTRO, CANTANDO

Ó de casa, nobre gente,

Escutai e ouvireis,

Que da parte do Oriente

São chegados os três Reis.

ALBERTO - PARA À PORTA - Oh, N.B.: CONTINUAM A REPRESENTAR ENQUANTO DENTRO CANTAM.

FELÍCIO - SEGURANDO-O - Assim quereis abandonar-nos, meu tio?

MARIQUINHA - INDO PARA ALBERTO - Meu pai!...

FELÍCIO - CONDUZINDO-O PARA FRENTE - Que será de vossa mulher e de vossas filhas? Abandonadas por vós, todas as desprezarão... Que horrível futuro para vossas inocentes filhas! Esta gente que não tarda a entrar espalhará por toda a cidade a notícia do seu desamparo.

MARIQUINHA - Assim nos desprezais?

JÚLIA - ABRINDO OS BRAÇOS COMO PARA ABRAÇA-LO - Papá, papá!

FELÍCIO - Vêde-as, vêde-as!

ALBERTO - COMOVIDO - Minhas filhas! ABRAÇA-AS COM TRANSPORTE

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Os Dois, ou, o inglês maquinista

GAINER - Mim perde muito com êste... E vai embora!

NEGREIRO - Aonde vai? QUER SEGURA-LO; GAINER DÁ-LHE UM SOCO QUE O LANÇA NO CHÃO, DEIXANDO A ABA DA CASACA NA MÃO DE NEGREIRO. CLEMENCIA, VENDO ALBERTO ABRAÇAR AS FILHAS, LEVANTA-SE E CAMINHA PARA ÊLE.

CLEMÊNCIA - HUMILDE - Alberto!

ALBERTO - Mulher, agradece às tuas filhas... estás perdoada... Longe de minha vista êste infame. Onde está êle?

NEGREIRO - Foi-se, mas, em suma, deixou penhor.

ALBERTO - Que nunca mais apareça! PARA MARIQUINHA E FELÍCIO: Tudo ouvi junto com aquêle senhor, APONTA PARA NEGREIRO e vossa honra exige que de hoje a oito dias estejais casados.

FELÍCIO - Feliz de mim!

NEGREIRO - Em suma, fiquei mamado e sem o dote...

Cena 28

ENTRAM OS MOÇOS VESTIDOS DE JAQUETA E CALÇAS BRANCAS

UM DOS MOÇOS - Em nome de meus companheiros pedimos à Senhora Dona Clemência a permissão de cantarmos os Reis em sua casa.

CLEMÊNCIA- Pois não, com muito gosto.

O MOÇO - A comissão agradece. SAEM OS DOIS

FELÍCIO - PARA ALBERTO - Morro de impaciência por saber como pode meu tio escapar das mãos dos rebeldes para nos fazer tão felizes.

ALBERTO - Satisfarei com vagar a tua impaciência.

Os Dois, ou, o inglês maquinista

Cena 29

ENTRAM OS MOÇOS E AS MOÇAS QUE VEM CANTAR OS REIS; ALGUNS DÊLES, TOCANDO DIFERENTES INSTRUMENTOS, PRECEDEM O RANCHO. CUMPRIMENTAM QUANDO ENTRAM.

O MOÇO - Vamos a esta, rapaziada!

UM MOÇO E UMA MOÇA - CANTANDO -

(solo)

No céu brilhava uma estrela,

Que a três magos conduzia

Para o berço onde nascera

Nosso Conforto e Alegria.

(Côro)

Ó de casa, nobre gente,

Escutai e ouvireis,

Que da parte do Oriente

São chegados os três Reis.

(RITORNELO)

(Solo)

Puros votos de amizade,

Boas-festas e bons Reis

Em nome do Rei nascido

Vos pedimos que aceiteis

(Côro)

Ó de casa, nobre gente,

Escutai e ouvireis,

Que da parte do Oriente

São chegados os três Reis.

TODOS DA CASA - Muito bem!

CLEMÊNCIA- Felício convida as senhoras e senhores para tomarem algum refresco.

FELÍCIO - Queiram ter a bondade de entrar, que muito nos obsequiarão.

OS DO RANCHO - Pois não, pois não! Com muito gosto.

CLEMÊNCIA- Queiram entrar CLEMÊNCIA E OS DE CASA CAMINHAM PARA DENTRO E O RANCHO OS SEGUEM TOCANDO UMA ALEGRE MARCHA, E DESCEM O PANO.

Os Dois, ou, o inglês maquinista